

Senhor Presidente da Câmara Municipal

Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Senhora D. Maria Elisa Carqueja Seara Cardoso Pérez

Senhores Autarcas

Autoridades

Senhoras e Senhores

Oliveira de Azeméis presta hoje homenagem a um dos seus mais dilectos filhos. Um filho que amou e serviu devotadamente a sua Pátria, e que, guindado bem alto pelos seus talentos, jamais esqueceu a terra que lhe foi berço, a terra onde quis regressar para sempre, abdicando, na sua conhecida modéstia, do burilado granito do jazigo de família, para baixar à humilde sepultura rasa, talvez porque aí se sentiria mais perto dos seus conterrâneos, mais reconfortante o seu aconchego. A mesma modéstia que o levou, ao longo da vida, a recusar lugares na governação do país, títulos e condecorações.

Naturalmente que a dimensão da figura de Bento Carqueja não cabe no espaço desta evocação, que muito honrosamente me confiaram. Bento Carqueja foi mestre eminente, foi pedagogo, foi jornalista, foi economista, foi cientista, foi escritor, foi um viajante estudioso, acima de tudo um homem solidário, um homem de causas, um exemplo de carácter e de coerência. Em Oliveira de Azeméis tudo tem a presença protectora do seu prestígio e do seu saudável bairrismo. Com ele fomos pioneiros no ensino técnico, sem o qual não seríamos o que somos; Bento Carqueja esteve na fundação dos Bombeiros e com a Comissão Patriótica na odisseia de La Salette, trouxe-nos o abastecimento de água, tornou possível a redacção e a publicação dos Anais, mais um sem número de sonhos que tornou realidade.

Tudo isto, e muito mais, foi já evocado nas celebrações dos últimos dias por quem melhor o soube fazer. Nestas circunstâncias, a minha colaboração possível limitar-se-á à recordação de pequeno punhado de episódios, factos e serviços da vida e da memória do nosso egregio conterrâneo, talvez menos conhecidos.

Eu não sei quantos dos presentes de hoje estiveram aqui há precisamente cinquenta anos, quando, num domingo soalheiro, foi descerrado este busto, saído das mãos

engenhosas do consagrado Mestre Henrique Moreira. Naturalmente muito poucos, porque as avaras leis da vida e da morte assim o impuseram. Eu tenho o privilégio de estar incluído nesse escasso número. E posso recordar, porque o testemunhei, o entusiasmo com que o Dr. Artur Barbosa, chegado à governação do concelho escassos meses antes, se empenhou no esforço de assinalar dignamente o centenário de Bento Carqueja, assim como a multidão de oliveirenses que quis associar-se.

Recuando no tempo, talvez que a primeira homenagem de Oliveira de Azeméis a Bento Carqueja tenha acontecido em 1904, quatro anos antes de assumir a direcção efectiva do Comércio do Porto, mas já com responsabilidades a crescidas. Em 2 de Junho, o jornal festejava solenemente as bodas de ouro. Foi um acontecimento na cidade do Porto, consoante o atestam as publicações da época, que nos falam da presença das mais gradas figuras da cidade e do Conde de Paçô Vieira, representante pessoal do Rei D. Carlos. As principais ruas da cidade, onde tocaram várias filarmónicas, foram engalanadas, das varandas pendiam colchas e colgaduras. Talvez de transcrever uma passagem da homilia do Bispo D. António Barroso no solene Te Deum celebrado na Sé do Porto. Dirigindo-se aos jornalistas, alertou o prelado: “Na rapidez com que tantas vezes é mister escrever para o jornal, nem sempre há o tempo indispensável para a concentração de espírito, que tão apreciável se nos representa, mas o que sempre há e pode haver é o propósito bem formado para se não conspurcar a pureza da missão que se desempenha. Assim norteado, estamos certos que o jornalista não faltará ao que deve a si e à sociedade”. Uma mensagem ainda actual, passado mais de um século.

Querendo associar-se ao acontecimento, o nosso executivo camarário reuniu extraordinariamente nesta casa, no dia 1 de Junho de 1904, tendo como ponto único da agenda a celebração da efeméride. Presidiu o Dr. António José da Silva Guimarães e estiveram presentes os vereadores José Augusto César Correia Martins Portugal, Fulgêncio José de Pinho e António Pereira Vilar. Da acta da sessão, extraio os seguintes parágrafos: “Pelo Senhor Presidente foi dito que se acham reunidos em sessão para testemunharem aos ilustres proprietários de O Comércio do Porto o apreço e consideração em que se compartilha nesta vila da glorificação deste benemérito jornal, cujos saudosos fundadores tão perto se ligam com a história desta vila e de cujos proprietários um é seu filho, com honra para todos nós, tantos são os títulos por que o têm sabido tornar notável. A Câmara resolve acompanhar em espírito tão justa como solene comemoração, fazendo exarar nas suas actas a expressão do seu júbilo”.

A mais dolorosa homenagem de Oliveira de Azeméis aconteceu aquando do seu falecimento, ocorrido em 2 de Agosto de 1935. Em São João da Madeira, apesar de já então um concelho independente, o comércio cerrou as portas à passagem do cortejo fúnebre, vindo do Porto. Uma multidão aguardava o féretro junto à nossa Matriz de São Miguel. De Palmaz vieram todos, e foi aos ombros de operários da Fábrica de Papel do Caima que a urna subiu o escadório. Findas as cerimónias, formou-se um extenso cortejo até ao cemitério. Junto à Escola, obra sua, perfilados, professores e alunos curvaram-se respeitosamente. Talvez nunca Oliveira de Azeméis tenha reunido dentre das suas fronteiras tantas e tão representativas figuras da vida nacional, nomeadamente vultos das letras, do jornalismo e das ciências. No cemitério, o panegírico esteve a cargo do Professor Doutor Mendes Correia, colega do extinto na Universidade do Porto e na Academia das Ciências, seguindo-se no uso da palavra o Dr. Albino dos Reis, o Dr. Rui Silva Lino, o Dr. Manuel Amador Valente, o Dr. Aarão Lacerda pelo Comércio do Porto, finalizando Marques da Cunha, em nome dos profissionais da Imprensa.

Faceta do nosso conterrâneo talvez por vezes um pouco esquecida é a da sua paixão pela agricultura, uma chama que levou o “Comércio do Porto” a publicar durante vários anos o suplemento semanal “O Lavrador”, bem como uma colecção de livros simples, mas de grande utilidade, como, por exemplo, “O Manual do Enxertador”, “O Manual do Podador”, etc. Autor de várias obras, fez sair dos prelos, em 1901, o livro “O Futuro de Portugal”, em que preconizava a vantagem do ensino elementar e prático dos modernos processos agrícolas, em contacto com o lavrador, o qual, em seu entender, apenas poderia ser utilmente ministrado por meio de escolas móveis agrícolas. Dir-se-á que a antevisão, mais de um século antes, da formação profissional de hoje. Foi o suficiente para que um benemérito portuense, residente em Manaus, viesse propor a Bento Carqueja a criação de uma dessas escolas móveis. A proposta foi aceite e o financiador da primeira Escola Móvel Agrícola em Portugal quis que a ela se desse o nome da esposa – Maria Cristina – mas que se guardasse em sigilo o seu nome, que apenas seria revelado após a morte. Segredo mantido até se receber, em 13 de Novembro de 1923, a notícia do falecimento, no Brasil, do abastado comerciante José Cláudio de Mesquita, aquele que fora o grande Mecenaz da agricultura portuguesa, pois que, para além do financiamento das primeiras Escolas Móveis Agrícolas, custeara, durante os seis anos iniciais, a publicação do suplemento “O Lavrador”.

A Escola Móvel Agrícola Conde de Sucena, em O. Azeméis, subsidiada generosamente pelo benemérito de Águeda, abriu oficialmente no dia 12 de Novembro

de 1905, e teve por palco o de há muito desaparecido Teatro Oliveirense, situado na Feira dos Onze. Casa repleta, sentaram-se na mesa de honra, presidindo-lhe, o nosso conterrâneo D. Manuel Correia de Bastos Pina, Bispo de Coimbra, também ele um apaixonado pela actividade agrícola, ensaiando culturas várias em Carregosa; à direita sentou-se o benemérito e patrocinador Conde de Sucena, que custeou o curso, à esquerda o Dr. Francisco Correia de Lemos, empossado semanas antes como juiz da comarca oliveirense. A título de curiosidade dir-vos-ei que, no decurso da cerimónia, D. Manuel Correia de Bastos Pina entregou ao juiz da comarca a importância de cinco mil réis, pedindo-lhe que os distribuísse pelos presos da nossa cadeia, que então, como só os mais velhos recordamos, habitavam, em miseráveis enxergas, os baixos dos Paços do Concelho.

A oração de sapiência coube, naturalmente, ao Dr. Bento Carqueja, no verdor dos seus 45 anos, principiando por uma saudação “às belezas naturais da terra que se acostumara a amar e na qual passara os melhores dias da infância e onde conserva restos diante dos quais se não curva sem que sinta vibrar no coração as fibras de uma grande saudade”. Entrando no tema que se propusera abordar, verberou asperamente o abandono a que os sucessivos governos tinham conduzido a agricultura, adiantando profeticamente que, a prosseguir nessa atitude, a ruína seria inevitável, demorando-se na explanação das razões por que entendia “Portugal ter descurado esta forma de riqueza”. Um alerta verdadeiramente profético, que ninguém ouviu até aos dias de hoje.

A Escola Móvel Agrícola Maria Cristina funcionou durante várias semanas, repartindo-se por sessões teóricas e práticas, todas confiadas a técnicos vindos na sua grande maioria do Porto e de Coimbra. Na nossa provinciana vila de então, algumas aulas sobre técnicas da poda decorreram em ramadas de António José da Silva Guimarães. Nas propriedades de Francisco Alegria realizaram-se exames a videiras e laranjeiras, indicando as adubações químicas e os tratamentos mais aconselháveis. As videiras de Lourenço Osório foram utilizadas para reconhecimento e tratamento da terrível filoxera. Mas as aulas saíram também da vila. O combate à cochonilha foi ensaiado nas propriedades de Manuel Ferreira, em Couto de Cucujães. Em São da Madeira, houve sessão de podas nas propriedades de Genuíno José dos Santos Silva; a poda em bardo foi ensinada nos vinhedos de Fulgêncio José de Pinho.

Seguindo a opinião dos que, em Celorico de Basto, têm estudado a vida do seu conterrâneo Francisco Soares Basto, estas Escolas Móveis podem ter de algum modo

determinado as disposições testamentárias do grande benemérito, de que fomos grandes beneficiários. Dizem eles que, em 27 de Janeiro de 1927, Soares Basto assistiu à inauguração, e depois ao funcionamento, da 16.^a Escola Móvel Agrícola Maria Cristina, em Celorico de Basto. E talvez que, agradavelmente surpreendido com o que observara, tudo tenha acentuado mais a sua relação de amizade e admiração por Bento Carqueja, levando-o, menos de meio ano depois, a redigir as suas disposições finais, nomeando testamenteiro o jornal Comércio do Porto.

Algo esquecido está ainda o interesse que a Bento Carqueja mereceu o caminho-de-ferro e o ardor com que lutou para que por aqui passasse. Já em 1881, no entusiasmo dos seus vinte e um anos, escreveu:

“É necessário estabelecer um caminho-de-ferro interior, onde riquíssimas regiões agrícolas encontrem pronta, cómoda e barata expedição para os seus produtos. Assim, propomos que o "terminus" interior do caminho-de-ferro seja na capital da província da Beira Alta (Viseu) e marcamos-lhe para "terminus" no litoral a cidade do Porto. Entre esses dois pontos extremos fazemos passar a linha pelo Vale de Cambra e próximo da nossa vila encaminhamo-la para o Norte, não adoptando, por conseguinte, as ideias já apresentadas de fazer terminar a linha em Aveiro ou em Ovar.

De Cambra para cá encontra-se o verdadeiro terreno cultivado, o verdadeiro solo produtor em que o esforço do braço humano é bem compensado pelas benesses da terra. Além da actividade agrícola há actividade em outros ramos da indústria, há a aglomeração de numerosos braços que se permutam na prestação do seu trabalho valiosíssimo. A linha poderia vir terminar a Ovar, facilitando-se e encurtando-se assim o traçado; mas temos como ponto assente na construção das vias-férreas que o seu "terminus", para ser verdadeiramente útil, deve estar fixado em um ponto onde as mercadorias possam ter imediata saída para o comércio em larga escala, para a exportação, enfim; e para se conseguir um tão sensato "desideratum" parece-nos não podemos apontar melhor ponto que a cidade do Porto. Aveiro por certo que não poderá desempenhar esse importantíssimo papel porque lhe escasseia uma barra em condições para ser proporcionada a toda a navegação. Como se observa pelo mapa que acompanha este artigo, propomos que o ponto mais próximo desta vila em que a linha passe seja Mosteirô, povoação situada a cerca de 7 km daqui. Por esta forma encurtar-se-ia consideravelmente a comunicação acelerada entre Oliveira de Azeméis e o Porto, como passamos a demonstrar pela seguinte nota:

De Oliveira a Ovar - 12 quilómetros

De Ovar ao Porto - 51 "

Total - 63 "

Por outro lado,

De Oliveira a Mosteirô - 7 quilómetros

De Mosteirô ao Porto - 27 "

Total - 34 "

Vê-se portanto que entre Oliveira e Porto há um percurso de 29 quilómetros para menos. Oxalá as humilíssimas considerações que exarámos sirvam de incentivo para trabalhos de maior pulso; sirvam para despertar a voz do povo, que é sempre a mais sincera e a que traduz na sua verdadeira significação o modo de apreciar os interesses nacionais".

Muito mais tarde, já o itinerário da Linha do Vouga estava praticamente assente, e pelo qual Bento Carqueja muito lutou, voltou ao assunto, escrevendo:

“Uma sociedade, organizada na Bélgica, está disposta a construir em Portugal 500 quilómetros, pelo menos, de via-férrea de um sistema de construção simples, e com um carácter local e popular. O representante desta sociedade fez já o pedido de concessão e incluiu no dito pedido a linha férrea de Castelo de Paiva por Oliveira de Azeméis a Ovar. Como se vê, esta linha férrea terá o seu entroncamento nesta vila com a linha férrea do Vale do Vouga, abrindo assim comunicações com o vale de Cambra e o vale de Arouca, com a linha da Companhia Real em Ovar, e também, se a linha tiver, como deve ter, um prolongamento para a praia do Furadouro e com a ria de Aveiro por uma estação no Carregal. Do vale de Arouca e do vale de Cambra saem os excelentes vinhos verdes para este concelho e para o de Ovar, vindo assim a nova linha abrir uma saída mais fácil não só para estes pontos, como também para novos centros de consumo, o que igualmente sucederá com os cereais e outros produtos agrícolas. A nova linha trará também um aumento de concorrência de banhistas à praia do Furadouro facilitando e tornando baratos os transportes. A cal, terra e sal, que até Arouca são conduzidos para os três concelhos em carros de bois, terão um fácil

transporte pela via-férrea, tendo no Carregal um local cómodo para embarque e desembarque de mercadorias conduzidas pela ria”.

Sabe-se que todos estes projectos não passaram de um sonho, mas demonstram a atenção e os esforços do conterrâneo que hoje evocamos.

Senhoras e Senhores:

Por razões sucessórias, o Comércio do Porto foi deixado em testamento a Bento de Sousa Carqueja, que, como escreveu Pinheiro Torres, “foi o verdadeiro impulsionador da sua modernização. A ele coube levar o jornal para a zona mais estratégica da cidade, na Avenida dos Aliados. Foi sob a sua acção que o título portuense adquiriu a sua feição mais moderna e que o jornal se tornou um projecto empresarial de sucesso. Mas manteve algumas das tradições que o acompanharam desde a sua fundação, nomeadamente a defesa de determinados valores como o progresso, e a pedagogia, e, obviamente, os interesses do Porto: “(...) este jornal faz parte integrante da alma da cidade, sendo – pode dizer-se – uma instituição portuense. É conservador, sem contudo deixar de apoiar tudo o que a revolução do acto em marcha, tem de justo e criterioso”.

Oliveira de Azeméis deve tudo a este jornal. Quem vem desses tempos sabe que, há cinquenta ou sessenta anos, entre nós não se dizia “comprar o jornal”, mas, antes, “comprar o Comércio”. Jornal que foi, efectivamente, a grande paixão de Bento Carqueja. Diz-se que o primeiro trabalho publicado por si, e às nossas terras dirigido, terá sido a inauguração, em Couto de Cucujães, a 7 de Setembro de 1876, do então Asilo Gandarinha, hoje reconvertido na Fundação Condessa de Penha Longa, perpetuando o nome da benemérita fundadora. Bento Carqueja não completara ainda dezasseis anos.

Na publicação que, em 1924, assinalou os setenta anos de vida do jornal, Bento Carqueja terminava deste modo o seu texto do prefácio: “Morrerei contente se conseguir deixar a grande obra jornalística, por mim herdada, tão pura nos seus processos, tão alevantada nas suas aspirações, tão vinculada ao bem da minha Pátria, como a recebi dos seus fundadores e como tenho procurado conservá-la – QUERIDA JÓIA DA FAMÍLIA”.

Sabe-se que, decorridos onze anos, o desejo de Bento Carqueja estava cumprido, por certo pôde morrer contente: quando a morte o surpreendeu, a 2 de Agosto de 1935, na sua casa da Foz do Douro, o Comércio do Porto vivia momentos de apogeu, mau grado os condicionalismos da época, com uma censura atroz.

O sucessor Fortunato Seara Cardoso lutou até ao limite das suas forças, todos o reconhecem. Mas os tempos eram difíceis. E tudo se tornaria mais difícil ainda com a morte demasiado precoce de Manuel Filipe Carqueja Seara Cardoso, então subdirector, onde muitos viam, promissoramente, os genes do avô. Tudo se conjugou para a venda do jornal, em 1973. Após um período de esplendor, que o futuro diria mais aparente que real, o jornal entrou em desagregação, e a morte surgiria em 2005. A Imprensa portuguesa ficava mais pobre, Portugal também, Oliveira de Azeméis talvez mais que todos.

Para nós, Oliveirenses, será minimamente consolador saber que o valioso e histórico arquivo do “Comércio do Porto” se encontra são e salvo, à guarda da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Congratulemo-nos com isso. E façamos votos para que um dia o possamos acolher em O. Azeméis, que seria, de facto, o seu destino verdadeiro, por certo aquele que Bento Carqueja escolheria, se, como queria o poeta, no assento etéreo onde subiu, memória desta vida se consente. Um sonho por certo de todos nós, não se podendo ignorar o poderio da empresa espanhola que é a legítima detentora do espólio.

Consolemo-nos com a posse da casa berço de Bento Carqueja, onde o seu nascimento fica assinalado para a posteridade. Uma casa onde recebeu, sem distinção, poderosos e humildes, nobres e plebeus, quantos procuravam a sempre desejada e sempre pronta mão benfazeja. Escreveu a neta Senhora D. Maria Elisa Carqueja Seara Cardoso Pérez – que eu muito respeitosa saúdo, e cujo enlevo pela memória do Avô é bem conhecido – que Bento Carqueja baixou à terra levando, “sobre o coração, meia dúzia de flores que sua irmã Amélia colhera no jardim da casa de Oliveira de Azeméis, onde nascera”.

Quem sabe se flores cortadas piedosamente das centenárias árvores que ainda ali se conservam, árvores que, sacudidas pelas agruras de muitos invernos, continuam firmes, de pé, e neste Outono por certo embevecidas ao ver-nos recordar a vida e a obra do grande homem que à sua sombra repousou, e, quantas vezes, sonhou um futuro melhor para Oliveira de Azeméis e para os Oliveirenses.

Saibamos ser dignos do seu exemplo.

Muito obrigado.